



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

RELATO DE EXPERIÊNCIA

REFLEXÕES ACERCA DE MINHA FORMAÇÃO COMO EDUCADORA. CONTRIBUIÇÕES DA ATUAÇÃO NO PIBID – EJA

Ana Ferro

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP
Câmpus de Rio Claro
aninha_rc_15@hotmail.com

Modalidade: Relato de experiência

Eixo temático: A formação inicial de educadores(as) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas

RESUMO

O texto vêm a explicitar, em primeiro plano, qual a minha visão sobre o papel do educador em formação dentro do contexto escolar. Uma breve opinião sobre as disparidades existentes entre o cenário acadêmico, e a realidade do cenário escolar. Qual vêm a ser, segundo minha própria experiência, a diferença entre o aluno que não se insere em um meio escolar durante a sua formação, limitando-se apenas ao ambiente da graduação, e aquele que já inicia seus primeiros contatos com as salas de aula. E as ricas contribuições que essa atuação, mesmo que pequenas, vêm a proporcionar.

Ainda descrevo o projeto institucional que participo durante o meu período de formação em Licenciatura Plena em Pedagogia na graduação, e o cenário no qual este é desenvolvido. Utilizando-me do eixo temático no qual esse trabalho está pautado, relato a experiência que estou adquirindo por meio deste, e descrevo uma das atividades que desenvolvemos durante o ano de 2014 no Instituto referido.

PALAVRAS-CHAVE

Relato, experiência, Projeto PIBID, formação de professores.

1.INTRODUÇÃO

A experiência que venho a relatar, é extremamente enriquecedora para a minha formação como futura educadora, pois conforme o leitor irá perceber, as atividades exigem um processo de observação dos alunos, para posterior reflexão sobre as necessidades destes, e então um planejamento de determinada atividade que venha a supri-las. É um processo valioso por fazer possível esse exercício, que muitas vezes é pouco praticado por professores



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

que já estão inseridos dentro do processo escolar, em uma sala de aula. Exige de nós, futuros pedagogos, a percepção diária, e o olhar minucioso e sensível voltado para os alunos, e para as transformações que estes nos apresentam. Permite, juntamente ao processo de formação na graduação, um processo de formação de um novo profissional, atento, preocupado com a situação em que se encontra cada aluno que está inserido na sua sala de aula. Esse tipo de prática ainda permite o desenvolvimento e exploração de habilidades que por vezes não vêm a ser exploradas, ou estimuladas, se limitados apenas ao ambiente de formação acadêmica.

2. DESCRIÇÃO DE UMA ATIVIDADE - EXPERIÊNCIA

Acerca da experiência, apóio-me em Jorge Larrosa, um dos autores referências para nosso projeto, quando escreve que:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (Larrosa, 2002).

Durante o nosso processo de formação, acredito que o mais valioso são os primeiros contatos direto com a sala de aula. Enquanto na graduação, construímos uma vaga noção do que virá a ser nossa futura carreira como educador, mas será somente atuando dentro do contexto escolar que realmente a descobriremos.

Venho a acreditar, segundo minhas próprias impressões, que durante o processo de formação imaginamos várias maneiras para atuar dentro da sala de aula. Enquanto ainda não estamos inseridos efetivamente no meio escolar, trazemos no pensamento, como alunos em formação, o desassossego de tentar descobrir uma maneira de conciliar a teoria e a prática. Chegamos a pensar como será, o que faremos, como agiremos diante de tal situação, e muitas



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

outras situações hipotéticas. Porém, uma vez que adentramos uma classe pela primeira vez, percebemos que a maioria desses devaneios sobre o que viria a ser a nossa atuação diante de tais e tais situações se mostra totalmente inútil. Isso porque o ensino é algo versátil, os alunos principalmente, são algo em constante movimento. Não um movimento literal, no sentido de movimentarem-se fisicamente a todo o tempo. Mas sim em um movimento constante de idéias. O fluxo e a rapidez com que os alunos irão construir o processo de aprendizado é algo que a maioria dos futuros educadores não chega a incluir durante suas divagações.

E é então, nesse momento, que começa o verdadeiro processo de construção do futuro professor. Na verdade não de um futuro professor, mas sim de um educador, pois o primeiro passo para que esse processo surta resultados positivos é a necessidade que, cada um ao adentrar uma sala de aula, seja pela primeira vez ou mesmo após anos de atuação, se coloque em seu papel de educador, e na responsabilidade que tal função representa. É nessa necessidade de encontrar soluções para as adversidades que o aluno em formação virá a se deparar. É muito mais um processo de auto conhecimento: ao ser exigido dele uma postura, irá descobrir qual é a sua. Qual é o seu modo particular de agir perante àqueles alunos. É a fase mais importante e valiosa, acredito eu, no processo de formação, pois será nesse momento que cada um irá definir que tipo de educador sou.

Em um estudo realizado por Gómez (1992), a atividade docente é abordada a partir de duas concepções básicas:

“o professor como técnico especialista e o professor como prático autônomo. Segundo esse teórico, o professor como técnico situa-se no quadro da racionalidade técnica, pois desenvolve atividades instrumentais utilizando-se de teorias e técnicas científicas. Desse modo, essa perspectiva caracteriza-se pela aplicação dos conhecimentos e do método científico, em que o professor assume um papel meramente técnico. Esse modelo de formação (professor como técnico especialista) contribui para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem valorizando as técnicas científicas para que os resultados desses processos sejam alcançados. Opondo-se a esse modelo, apresenta-se a concepção de professor como prático autônomo, que requer do docente capacidade de refletir, de solucionar problemas e de desenvolver



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

a criatividade durante a sua própria ação. Nessa perspectiva, o professor deverá ser capaz de refletir, de intervir na realidade, de lidar com a complexidade, diversidade cultural e de tomar decisões, que para tanto, requer formação numa visão multidimensional.” (Gómez,1992)

Tomando como base ainda a teoria de Gómez, venho a declarar que me vejo como o segundo modelo de professor: “*o professor como prático autônomo.*” Por razões que não são decorrentes de minha formação, e sim por questões de convicções particulares, venho a me identificar mais dentro desse modelo. Vejo o processo de aprendizagem como um processo contínuo, e jamais como um processo estabelecido, pré-definido. Me inquieta e me incomoda ver tal processo como algo finalizado, e passível de obedecer à determinadas regras. Visto que todos os alunos são diferentes, que cada qual apresenta suas particularidades, errado seria imaginar que um mesmo processo poderia ser eficaz para todos de uma mesma forma.

Em minha pequena atuação dentro da sala de aula, sempre realizo a reflexão e a auto reflexão sobre a minha própria postura, para que eu possa obter resultados. Salientando ainda que os resultados dos quais falo não se referem de forma alguma à resultados técnicos. Os resultados que busco, e que anseio ver nos alunos, não é que tenham capacidades para solucionar determinado problema de matemática, ou que consigam decorar um conteúdo de qualquer outra disciplina. Mais que esperar por um aluno que saiba resolver fórmulas, almejo por um aluno que venha a desenvolver sua capacidade crítica, que venha a ter uma noção adequada da realidade em que está inserido, de um aluno que venha acima de tudo a compreender o que lhe é proposto. Ainda seguindo essa linha de pensamento, venho a utilizar uma pequena frase, ainda de Larrosa, que vai totalmente de encontro à isso:

“ (...) pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.”

Meu objetivo perante os alunos, meu anseios, meus desejos são exatamente esses. Utilizei essa pequena citação apenas para que fique mais claro. Não espero que sejam capazes de resolver fórmulas, ao conseguir estabelecer conexões entre vários conteúdos aprendidos, ou que obtenham resultados em avaliações teóricas. Mas sim que desenvolvam a noção crítica



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

do seu próprio espaço, que consigam compreender o sentido que eles mesmos possuem, e que tudo ao seu redor representa.

Desde as primeiras oportunidades de atuação dentro da sala de aula, vejo que cada movimento, cada escolha que eu faço, virá a refletir diretamente nos alunos. Isso porque não posso realizar minhas ações como se fossem algo independente, que não tenha relação com eles. Como se não fosse interferir no processo como um todo, e mais que isso, nas modificações que essa pode causar a cada aluno. Cada ação, cada proposta educacional, gerará resultados, estando estes sujeitos à serem positivos ou negativos. Errado seria ignorá-los, ou agir como se não existissem.

Essas minhas escolhas, além de definirem a educadora que sou, definirão os alunos em questão, o tipo da educação que opto por transmitir a eles. Em qualquer método que seja o escolhido por mim, sempre irão surgir resultados. A diferença será na qualidade desses resultados obtidos. Por exemplo, se opto por seguir um modelo mais tradicional, despreocupado, não-reflexivo, de apenas me limitar à passagem de conteúdos, o resultado de meu trabalho será a formação de alunos detentores de aprendizado por meio da mera fixação de conteúdos. Para melhor me explicar, pego como base a seguinte frase de Freire:

“É praticamente impossível educar sem formar. O educador que só ensina conteúdos já está automaticamente formando. Está formando um sujeito que se deixa guiar por outros sujeitos, que em posições superiores, orientam e propõe o que ele deve fazer. Não há, portanto, neutralidade na educação.”

Quando refletimos sobre isso, fica muito mais fácil definir as barreiras existentes entre o professor, e o educador reflexivo sobre as suas ações e sobre os resultados desta. Se me satisfaço em promover um modelo de educação onde alunos saibam apenas conteúdos metodológicos, ou se me oponho a essa linha, desenvolvendo ações que resultem num trabalho onde se formem como sujeitos.

2.1 Cenário em que se insere e pessoas envolvidas no processo

A experiência que venho a relatar ocorreu em um meio escolar no qual eu, e mais alguns alunos em formação na graduação em Pedagogia, atuamos através do Programa



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. O Instituto no qual realizamos o projeto, o Instituto Allan Kardec, se caracteriza por ter um ensino exclusivo, no qual estudam crianças portadoras de deficiências ou síndromes diversas. As classes nas quais desenvolvemos nossas atividades são em quatro salas onde funciona o sistema de Educação de Jovens e Adultos.

Os alunos que compõem o quadro discente do Instituto, apesar de serem portadores de deficiências ou síndromes diversas, em sua maioria ainda não são diagnosticados, ou enquadrados dentro de nenhum padrão específico. O que faz com que em uma mesma classe se concentrem vários indivíduos que apresentam comportamentos bem distintos entre si. Os critérios adotados para a seleção da divisão dos alunos em determinada classe é que se encontrem no mesmo nível em termos de escolarização. Assim, encontramos dentro da mesma sala de aula o confronto entre diferentes “universos particulares”, ou seja, alunos que se encontram em graus diferentes quanto à interpretação e visão que têm de mundo, e sua participação dentro do contexto em que está inserido.

Ainda quero acrescentar que, embora se encontrem cada qual de acordo com suas particularidades, todos os indivíduos se assemelham em um ponto: a falta de uma identidade que possam assumir dentro do ambiente escolar em que estão inseridos. Essa foi uma percepção que todos os bolsistas chegaram à conclusão, após minuciosa observação desses alunos.

Sendo assim viemos a pensar em propostas de atividades que fizessem com que refletissem sobre a sua identidade dentro desta Instituição escolar que frequentam. A reflexão que visávamos causar nesses alunos, por meio das atividades que realizamos, seria “*Que sujeito sou eu dentro desta escola, e qual minha interferência dentro deste ambiente?*”.

A experiência que venho a relatar é uma das partes componente de um conjunto de atividades que realizamos junto a estes alunos na referida Instituição; atividades essas pautadas sobre o mesmo eixo motivador citado acima, sob o propósito de instigar esses alunos, que por vezes são tratados como indivíduos à mercê do esquecimento.

2.2 Metodologia utilizada



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

O sistema que adotamos para trabalhar no projeto PIBID juntamente à escola no ano de 2014 foi de fazer um acompanhamento das classes durante o primeiro semestre, uma espécie de observação de qual era a disposição das salas. O sistema de acompanhamento era realizado por todos os bolsistas envolvidos no projeto dentro dessa escola, e estabelecemos um esquema de rodízio, no qual era possível que cada bolsista tivesse a oportunidade de acompanhar todas as classes.

Durante o período de observação, foram realizadas reuniões, nas quais comentávamos os aspectos observados por todos os bolsistas em cada classe. Para o desenvolvimento da atividade, pautamo-nos nas observações que havíamos registrado durante esse tempo.

A metodologia que optamos por adotar é muito mais voltada às nossas próprias percepções das necessidades individuais dos alunos no referido ambiente escolar, que a referenciais teóricos.

Pensamos um trabalho que tivesse como base o uso e a aplicação das Artes. Para uma elaboração mais adequada de um trabalho nesse âmbito, recorreremos ao embasamento dos referenciais educacionais previstos pelo MEC para o uso das Artes no cenário de Educação de Jovens e Adultos, segundo o qual pudemos observar que uma proposta como essa viria a proporcionar para os alunos um novo modo de compreender o mundo, de com ele relacionar-se, e nele inserir-se.

Pautamo-nos na premissa que por meio do uso da imaginação, o homem vêm a realizar mudanças na sua própria realidade. O objetivo principal de nosso trabalho é justamente esse, uma nova estruturação da realidade em que se encontram, e um novo meio de ser, e também de sentir-se em meio à essa realidade. Sob essa perspectiva:

A arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reservava. (DUARTE JR, 1985, p.67)

Em nossas reuniões para a elaboração das atividades, enquanto ainda pensávamos qual a forma de intervenção pedagógica que deveríamos utilizar para obter os



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

resultados esperados, viemos a adotar a preferência pelo uso das Artes para a realização deste. Seguimos ainda influências deixadas pela tendência de Froebel (1782-1852), educador alemão. Mesmo que este, em suas metodologias pedagógicas, se voltasse à educação infantil, seus ideais de atividades, segundo os quais se possibilitasse a expressão do mundo interno, a capacidade de ver a si mesmo e modificar-se através da realização da auto-observação, condiziam com as perspectivas esperadas por nós com o desenvolvimento destas atividades.

2.3 Desenvolvimento da atividade e resultados alcançados

Para o início do desenvolvimento das atividades, realizamos vários contatos prévios com os alunos, e atuações junto a estes, durante um período destinado justamente a observação das necessidades que deveriam vir a ser trabalhadas em nossa proposta.

Após esse período, as observações vieram a ser socializadas entre todos os bolsistas do grupo, juntamente à nossa professora orientadora do projeto. Notou-se nesses encontros, que alguns pontos correspondiam mais às observações particulares de cada bolsista, pertinentes ao profissional educador que cada um está desenvolvendo durante esse processo, de formação e atuação dentro do cenário escolar. Porém, também notou-se que outros pontos eram compartilhados por todos os bolsistas integrantes do grupo, e foi justamente nessas observações que viemos a intervir pedagogicamente.

A observação que mais foi relatada, conforme já citei acima, foi justamente a ausência da identidade dos alunos como sujeitos. É notável a falta que eles têm de uma visão de si mesmos como agentes ativos dentro daquele ambiente escolar. Como cada indivíduo nesse contexto possui suas particularidades, cada qual expressava isso de uma forma divergente à do outro.

E foi pensando nessa necessidade, de que assumissem um papel de transformadores dentro deste ambiente, que viemos a pensar na proposta de uma atividade a ser aplicada com eles.

Visto que a Instituição local de nossa atuação conta com alunos portadores de necessidades especiais, antes de qualquer elaboração de atividade devemos contar com as dificuldades que por vezes os mesmos apresentam. Em relação à essas dificuldades, por vezes



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

físicas, por vezes cognitivas, nós já tínhamos um prévio conhecimento, devido ao contato que temos com os alunos, na atuação que realizamos junto a eles, e também pelas observações realizadas. Assim sendo, a atividade deveria proporcionar a reflexão destes indivíduos, e a apropriação de suas capacidades; porém para que se alcançasse esse nível, deveríamos iniciar o trabalho com algo que fosse mais acessível aos alunos.

A atividade que foi elaborada, pensando nos alunos, visava trabalhar com as percepções sobre os sons. Escolhemos duas músicas que tivessem batidas rítmicas bem marcantes, e levamos para eles. Dentro da sala de aula, colocamos os alunos dispostos em forma de roda, e explicamos como seria a atividade: a proposta era que eles de preferência fechassem seus olhos, e caso se sentissem à vontade para tal, até baixassem suas cabeças na carteira, para somente ouvir a música.

A primeira música a ser tocada foi uma utilizada no filme infantil *Tarzan, da Walt Disney*. Colocamo-la para tocar seguidamente umas três vezes, para que eles pudessem senti-la. Em seguida, entregamos uma folha de sulfite em branco para cada aluno, e pedimos que representassem o que a música havia despertado neles. Durante o tempo que os alunos despenderam para desenvolver a atividade, deixamos que a música continuasse tocando.

Deixamos o tempo bem livre para a realização desta, porque o objetivo principal de todas as atividades que desenvolvemos junto a eles era que os alunos viessem a realizar uma tarefa que não os limitassem, e sim que conseguisse proporcionar que se expressem, e acima disso, que se enxerguem, que se posicionem dentro da escola, do papel que exercem dentro desta, e como vêm a modificá-la.

Um fato interessante que aconteceu nesta atividade foi que a música, embora pertencesse à um filme, não era conhecida por nenhum dos alunos. Nem o próprio filme era conhecido por eles. E no contexto do filme, essa música é utilizada em cenas em que o personagem está em uma floresta. E o intrigante foi que, na maioria dos desenhos feitos, os alunos retrataram cenários de florestas, arvores, casas no meio da floresta. Isso sem que nem tivéssemos sugestionado nada a respeito. Para nós, esse fato, além de curioso, nos satisfiz



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

muito, pois tivemos a certeza que eles haviam captado a essência da atividade, de conseguir sentir a música.

A segunda música que colocamos para tocar foi *Aquarela, de Toquinho*. Essa música já era conhecida por alguns deles, mas isso não influenciou em nada na atividade, pois essa já era um estilo de música diferente da primeira, com mais palavras, mais frases, não apenas centrada nas batidas.

O processo que fizemos foi o mesmo realizado com a música anterior: pedimos que fechassem os olhos, e tentassem prestar atenção somente ao que escutavam, para depois representar aquilo da forma como preferissem. Anteriormente, quando planejávamos a atividade, chegamos a pensar que essa música seria mais sugestiva aos alunos. Que devido ao fato dela ter várias palavras, os alunos ficariam limitados a reproduzir somente aquilo que era falado na letra da música. Porém, viemos a nos surpreender com o resultado obtido. Ao contrário do que imaginávamos, os desenhos resultantes foram bem diversos.

Embora chegasse a aparecer em vários dos desenhos elementos citados durante a música, como o Sol, o castelo, e a própria aquarela, os alunos não se prenderam somente a isso. Um fato que foi interessante que notamos foi o retrato de cenários urbanos em vários dos desenhos. Os alunos vinham a representar o que sentiram durante a música, através de desenhos de prédios, de pessoas, automóveis, e em alguns casos, organizavam todos esses elementos juntos, como a reproduzir a disposição de um cotidiano urbano: pessoas andando nas calçadas, os prédios ao fundo, e os automóveis nas ruas. Também houve a aparição de outros elementos que não eram citados na música, como animais e insetos. Mas um desenho que mais me marcou, não pela arte do desenho em si, mas pela explicação que foi dada pelo aluno ao final da atividade para que o tivesse retratado de tal maneira, foi um desenho no qual está apenas a imagem de um menino com um lápis na mão em frente uma folha. Para um primeiro olhar que não estivesse sensível, e talvez que procurasse apenas um sentido lógico, se diria que aquele aluno havia fugido da proposta, ou ainda, que não a havia compreendido perfeitamente. Porém, a justificativa dada pelo autor do desenho veio a desbancar qualquer julgamento sobre a compreensão do mesmo acerca da atividade. Segundo o que o aluno disse, conforme foi ouvindo a música, todas as imagens citadas foram vindo na sua mente: o Sol



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

amarelo, a aquarela, o castelo, e mais outros elementos. Sua ânsia era retratar tudo aquilo, porém, ao perceber que não o seria capaz pela questão do tempo, retratou aquele menino, que estava justamente com um lápis na mão para poder desenhar tudo aquilo que havia sido falado. Agora, a tarefa de retratar todos os elementos era daquele menino, que não tinha preocupação com a limitação que o tempo lhe impunha.

Uma sugestão que fizemos nessa atividade foi que as professoras das classes também participassem da atividade. Essa questão, da participação das professoras nas atividades que aplicamos, foi tomada após algumas reuniões que houveram entre todos os bolsistas, nas quais uma observação comum a todos foi que os alunos se mostravam mais motivados a participar das atividades sempre que viam que a sua professora também o fazia.

Logo após o término dos desenhos, deixamos um espaço para aqueles alunos que se sentissem à vontade de contar o que haviam desenhado, e o qual o significado daquele desenho. Um ponto que nós prezamos muito dentro do projeto é não obrigar nenhum aluno a realizar nada que não queira. Uma vez que tentamos trabalhar dentro da escola de uma maneira contrária aos métodos tradicionais, que buscam cada vez mais restringir e delimitar os espaços das crianças, tentamos fazer com que eles se vejam dentro desses espaços, e não que se sintam coagidos dentre deste. Que venham a se sentir como agentes constituintes e transformadores desse espaço.

Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos nesta atividade foram guardados para futuras reflexões acerca destes. Esse é o processo que fazemos com todos os trabalhos que desenvolvemos com eles, registramos através de algum meio, seja por fotografias, imagens, ou desenhos, que posteriormente são anexados para as futuras reflexões. Normalmente, as novas atividades que viremos a desenvolver são sempre pensadas a partir dos resultados obtidos na anterior. Também toda vez que vemos algo que não surtiu um resultado tão positivo nesta atividade realizada, refletimos o porquê disso ter ocorrido, e tentamos mudar o modo de abordar a atividade seguinte.

Como foi dito anteriormente, esta atividade faz parte de um conjunto de atividades que o grupo de bolsistas vêm desenvolvendo junto a esses alunos. Portanto, o trabalho continua a



ser desenvolvido em mais etapas contínuas, e um resultado de fato só poderá ser obtido ao término por completo do trabalho. Devo acrescentar que alguns dos alunos apresentam dificuldades na maneira de se comunicarem e/ou expressarem verbalmente, por condições inerentes ao seu quadro sindrômico. Mas podemos notar, mesmo sem a realização de uma medição desses resultados, a contribuição que estas atividades configuram no caráter desses alunos. Percebemos uma evolução na maneira de se expressarem, e uma melhoria significativa no processo de se comunicarem. Aliado a isso, podemos notar progressos no próprio processo de aquisição dos conhecimentos e conteúdos disciplinares que lhes são passados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses próprios exercícios, da reflexão acerca das atividades desenvolvidas e dos resultados que essas surtiram nos alunos, se enquadra de acordo com o modelo do professor como prático autônomo. E esse é um apenas um, dos inúmeros benefícios que tenho a oportunidade de vivenciar participando do projeto. Um prático autônomo que não esgota sua atuação em atividades de ordem empírica somente, mas que pauta seu fazer em reflexões que possibilitem alçar vôos rumo a uma atuação educativa, com nuances de elementos da cultura e um fazer pedagógico que tem no horizonte uma educação emancipatória, como nos diz Paulo Freire(2005)

“que, voltando-se especificamente para a educação latino-americana, constrói uma teoria pedagógica fundamentada nos valores humanistas, na perspectiva de transformação social. A partir do reconhecimento da condição do ser humano enquanto responsável pela sua própria construção histórica, Freire estabelece que os indivíduos mais desfavorecidos, os oprimidos, coletivamente organizados, através do desvelamento crítico da realidade, podem transformar suas existências concretas, libertando-se da opressão.”(Freire,2005)

O que neste texto se registra são palavras de uma pedagoga educadora aprendiz.



A sala de aula, a maneira como o professor deve se ver diante dela, e o que ele precisará de habilidades, sobretudo de sensibilidades, além, claro, de argumentos teórico-metodológico, noções conceituais acerca do processo de construção de conhecimento para lidar com cada aluno, já é um desafio, uma descoberta diária.

Posso asseverar que essa atuação-experiência se configura como um processo contínuo de procurar novas maneiras para que essa interação venha a ser enriquecedora para os dois lados envolvidos – educandos e educadores.

E em minha formação, o que posso relatar como situações que mais me agregam não apenas aprendizados, mas também conhecimentos, são essas vivências que ocorrem dentro do próprio contexto escolar.

Podemos notar pelo decorrer do trabalho, que embora o mesmo ainda não apresentem resultados finalizados dos resultados obtidos, visto que é um processo integrante de um todo ainda em desenvolvimento, contribuições resultantes das intervenções pedagógicas puderam ser notadas. Ainda foram observadas evoluções no desenvolvimento e na aquisição de conhecimentos durante o processo de conquista da aprendizagem.

Conclui-se que o educador tem a possibilidade, e deve, construir, em conjunto com seus alunos, um espaço abrangente em possibilidades de conhecimentos, onde possam explorar sua criatividade, e por meio desta, desenvolver sua autonomia, de uma forma consciente de si mesmo e do próprio ambiente.

REFERÊNCIAS

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? 2ª ed. Campinas: Papirus, 1985.

LEAL, F. L. S; FONTINELES, I. C. S (2006) - Formação de professores: Discutindo alguns paradigmas, prática pedagógica e saberes necessários à docência.

GÓMEZ, A. P. O. O Pensamento Prático do Professor – A formação do Professor como profissional reflexivo. IN: NÓVOA. A. (Org.) Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

AMBROSINI, T. F. Educação e emancipação humana: uma fundamentação filosófica. *Thaumazein*, Ano V, Número 09, Santa Maria (Junho de 2012), pp. 40-56.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à Fundação Capes, pela promoção e financiamento do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. À toda a equipe de direção, vice-direção, coordenação e professoras do Instituto Allan Kardec, no qual o trabalho referido é realizado. Pela forma como os bolsistas, e as iniciativas do projeto sempre foram bem recebidas. E à professora orientadora do projeto, Profa. Dra. Maria Rosa, pela coordenação do projeto, e pelos auxílios prestados sempre que necessitamos.